

Os "Borsaioli"

Rubem Braga

A NOTÍCIA está em um jornal de Roma. O Procurador da República recebeu uma carta assinada pelo sr. Alessandro D'Atri, que se intitula presidente do sindicato dos «borsaioli» napolitanos, isto é, dos batedores de carteira. O Procurador da República pensou que a carta fôsse uma simples brincadeira, mas, tendo consultado o Chefe de Polícia de Nápoles, soube que não.

O sr. D'Atri escrevia a sério, em defesa dos interesses da classe de que é líder:

«De algum tempo para cá, Excelência, nossa vida está se tornando insuportável. O Chefe de Polícia, um homem duríssimo, implacável, quer nos reduzir à fome ou levar-nos ao suicídio. Não podemos nem ao menos subir a um bonde que somos presos, pois a Polícia alega que temos a intenção de bater a carteira de alguém.

Ora, isto é absolutamente ilegal, e só em Nápoles é possível ver um desrespeito tão grande aos direitos de um indivíduo. Modéstia à parte, já trabalhei nos melhores países da Europa, e jamais vi semelhante abuso de autoridade. Em Berlim, em Paris ou em qualquer outra cidade só fui preso quando colhido em flagrante. Posso andar em qualquer bonde ou trem, e ir onde me agrada. Até o momento em que estendo a mão para a carteira de outro cidadão eu sou um cidadão livre.

O sr. é um homem justo, e estou certo de que não deixará de receber êste protesto de gente pobre, que sempre trabalhou no limite de suas possibilidades, com sensatez, e jamais meteu a mão no bolso dos desgraçados.»

Um inquérito feito pela reportagem de «Época» revelou que, efetivamente, muitos batedores de carteira de Nápoles têm emigrado para Roma, Turim, Milão ou Gênova. Os que ficam passam mal. Os bandos de turistas são prevenidos e protegidos pela Polícia. E o velho Totonho foi obrigado a fechar a escola em que ensinava a técnica do ofício.

Está agora no Museu da Polícia de Nápoles o manequim com paletó preto que servia para as aulas práticas dêsse notável educador. Nas mangas e no busto, êsse manequim tem pregadas mais de vinte pequenas campainhas. Os alunos de Totonho não eram aprovados e não tinham permissão para trabalhar sem que tirassem em um segundo a carteira do bolso interno do paletó sem que uma só campainha tocasse, mesmo de leve.

Quanto a Alessandro D'Atri, tôda a sua família é de batedores de carteira: o irmão, dois sobrinhos, dois filhos. Só dona Mafalda, sua mulher, não trabalha; ela, durante anos, foi encarregada de visitar a prisão, levando, ao batedor infeliz, roupas, comidas, revistas e cigarros enviados pelo Sindicato.

Alessandro D'Atri foi perguntado se um batedor de carteira pode mudar de vida. «Sim, quando é um amador, que opera apenas uma vez ou outra vez... Um verdadeiro artista, um profissional, nunca. Pode passar anos sem trabalhar, mas quando vê ao alcance de seus dedos uma carteira estufando o peito de um paletó, ou fazendo volume no bolso traseiro de uma calça, não resiste».

E contou que de seu Sindicato fazem parte dois surdos-mudos e dois manetas, que trabalham ambos com a canhota...

Manchete
457

DIV 12. 9. 67

354